PÓS-MODERNIDADE/PÓS-MODERNISMO

VERBETE

Sexta-Feira, 12 de Junho de 2020 18:43:36

VERBETE - TRADUÇÃO

FONTE: Nünning, Ansgar (Hg.), Metzler Lexikon Literatur- und Kulturtheorie: Ansätze - Personen - Grundbegriffe. 3. Aufl., Stuttgart, Weimar: J. B. Metzler, 2004

TRADUTOR: Luís Afonso Heck

Semestre de inverno 2012

Para uso em sala de aula – UFRGS – Faculdade de Direito

Anexos: 03

Prof. Dr. Luís Afonso Heck
Semestre de inverno de 2012
Para uso em aula - UFRGS - Faculdade de Direito

PÓS-MODERNIDADE/PÓS-MODERNISMO

Pós-modernidade/pós-modernismo, ›pós-modernidade‹ (p) é a designação para o período histórico-cultural depois da modernidade ou para os inícios filosófico-estéticos e configurações culturais desse tempo. Em geral, as modificações fundamentais artísticas, políticas e midiais dos anos de 1960 valem nos Estados Unidos como pontos de partida para a p., que não por casualidade foi designada como ›internacional americana‹ (A. Huyssen). Ao contrário, o conceito pós-modernismo designa, para essa época típicos, direções de estilo literários e fenômenos culturais. — Enquanto a p., em muitos sentidos, pode ser vista como continuação e radicalização do cepticismo do conhecimento e da crise de representação, apoiados na modernidade, ela marca, em contrapartida, a ruptura com a compreensão da arte e conceito de saber elitista da modernidade: ›cultura muito alta‹[1] e cultura popular engrenam, uma pluralidade de culturas de minoria e subculturas colocam em questão critérios de valor e concepções dominantes, política e *performance* são entrelaçados sem costura pelos meios de comunicação onipresentes e a ›lógica do capitalismo tardio‹ (F. Jameson) determina arte e comércio igualmente. Um ponto de referência importante para a crise epistemológica da p. é, assim, a ruptura, já apoiada na modernidade, com o projeto iluminista de uma compreensão e explicação ampla do mundo, a substituição das ›narrativas grandes‹, dadoras de sentido (J. -F. Lyotard), da religião e da ciência por modelos de saber fragmentários e provisórios. — A perda de orientação, disso resultante, encontra expressão também em reflexões teóricas para com a perda da realidade, como, por exemplo, na comprovação, realidade é suprimida por tecnologias multimidiais da simulação (J. Baudrillard) e finalmente substituída e qualquer consciência da história perde-se na estética superficial da sociedade de consumo. As valorações desse desenvolvimento variam nisso de um cepticismo pessimista-cultural, em vista de uma comercialização que uniformiza, até a proclamação eufórica de uma época nova de desierarquização e liberalização. — Artisticamente, a p. encontrou expressão em inumeráveis projetos de arquitetura (Ch. Jencks, R. Venturi,

---

[1] Nota do tradutor: Hochkultur, traduzido por cultura muito alta, é, segundo o Duden: grau da cultura com métodos de produção altamente desenvolvidos, estruturas sociais e sistema de domínio formado.

F. Gehry) sobre arte formadora (A. Warhol, J. Beuys, C. Sherman), filme (J. -L. Godard, D. Lynch) e, não por último, literatura (Th. Pynchon, K. Acker, R. Coover, J. Fowles). Muitos dos artistas extremamente diferentes, que são incluídos na p., exploram a ruptura provocativa ou ligeiramente encenada com concepções de arte e de mundo transmitidas (*tudo é permitido*). Ao lado disso, mostra-se a fala, em parte, apocalíptica, em parte, ironicamente colorida, do fim da cultura (*nada de novo*) como tema dominante, que é refletido no caráter de citação e de remissão da arte e literatura pós-moderna. Ambas as posições conduzem à assimilação de códigos e estilo estabelecidos pelos meios formais de paródia, plágio, pastiche e colagem. Projetos de arte, desde os anos de 1960, convertem, sempre de novo, o conhecimento, que concepções teórico-artísticas centrais (beleza, verdade, autenticidade, genialidade, e assim por diante) não têm validade transhistórica ou vinculatividade transcultural nenhuma, mas são enformadas e proporcionadas por instituições sociais (escolas, academias, museus, meios de comunicação). Juízos estéticos mostram-se assim não como sem interesse, mas essencialmente determinados por ideologias e condições-quadro socioculturais. Sobretudo, filme e literatura refletem uma compreensão alterada de arte como campo experimental antes que como instância de encontro de sentido, de modo que se acumulam elementos de atuação fantásticos, remissões metaficcionais, jogos idiomáticos absurdos e rupturas-gênero, como as narrativas de J. L. Borges, os romances de Th. Pynchon ou os filmes de P. Greenaway e D. Cronenberg fazem claro. Trabalhos mais recentes da p. convertem esses inícios frequentemente multimidialmente em instalações, projetos de rede, eventos-pop, e assim por diante, em que, em grande medida, o interesse na colaboração do recipiente e na infiltração ligeira em concepções e convenções transmitidas é central.

Fonte: Nünning, Ansgar (Hg.), Metzler Lexikon Literatur- und Kulturtheorie: Ansätze - Personen - Grundbegriffe. 3. Aufl., Stuttgart, Weimar: J. B. Metzler, 2004.

Obs.: o sublinhado é de L. A. H.

Nota do Prof. Heck: No Internationales Jahrbuch für Hermeneutik pode ser lido: "Aí está, finalmente e em último lugar, o *final da modernidade*, que, até certo ponto, paradigmaticamente abrange todos os outros finais sob a etiqueta da pós-modernidade, todavia, entrementes, também já novamente está superada [aqui tem nota de pé-de-página com indicação bibliográfica]. No lugar da pós-modernidade puseram-se, desde bastante tempo, a ›segunda modernidade‹, a ›modernidade reflexiva‹ ou simples e interveniente a ›outra modernidade‹" [aqui tem nota de pé-

de-página com indicação bibliográfica] (Heidbrink, Ludger. Ambivalenzen des Finalismus, Grundzüge einer Hermeneutik des Aufhörens, in: Figal, Günter (Herausgeber), Internationales Jahrbuch für Hermeneutik. Bd. 3. Tübingen: Mohr Siebeck, 2004, S. 159 f.).

MARCADORES

Verbetes |